ANO I. LISBOA—SABADO, 26 DE NOVEMBRO DE 1921 N. 200

# Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

O CONGRESSO economico que hoje inaugura as suas sessões, na séde da Associação Comercial do Porto, deve ser alguma coisa mais que um pretexto para discursos e moções desentoadas.

Os problemas que os congressistas vão debater, são de tal importancia para a nossa vida economica e financeira que, se a retorica se não intrometer nas discussões, pode muito bem iniciar-se assim um periodo de soluções aproveitaveis.

O *Diario de Lisboa* promete acompanhar com todo o interesse, esta reunião das forças vivas, mesmo para que o publico conheça os valores com que contará para o ressurgimento nacional.

* * *

NA proxima terça-feira, realizar-se-ha uma assembleia da Associação de Classe dos Trabalhadores de Imprensa, em que se procederá á eleição de um delegado junto do comissario de Portugal á exposição do Rio de Janeiro.

* * *

A COMISSÃO em quem os partidos democratico, liberal e reconstituinte delegaram o encargo de redigir o programa de governo, a que toda a imprensa tem aludido, já hoje concluiu o seu trabalho que será distribuido em manifesto por todo o país.

* * *

O SR. ministro interino do trabalho assinou hoje um decreto exonerando do cargo de director dos hospitais civis de Lisboa, o sr. dr. Hermano Medeiros.

* * *

CESAR de Frias publicou *Nossa Senhora Eva*, com um prefacio do ilustre poeta João Saraiva. E' um volume de versos em que a inspiração dum poeta de raça se afirma com raro fulgor.

* * *

ESCREVE-NOS o sr. Celestino Migueis de Vasconcelos, dizendo-nos que o capitão-tenente da armada sr. Procopio de Freitas não se propôs a deputado pelo Funchal. Simplesmente uma comissão de eleitores daquele circulo, de que faz parte o sr. Celestino de Vasconcelos, procurou o sr. Procopio de Freitas, pedindo-lhe que aceitasse os votos do eleitorado do Funchal.

Só depois de muito instado é que este oficial da armada anuiu aos pedidos dos eleitores do Funchal. Acrescenta ainda o sr. Celestino de Vasconcelos que na eleição do sr. Procopio de Freitas será dispensado o apoio dos industriais da Madeira.

* * *

TÊM chovido no ministerio dos estrangeiros telegramas de protesto contra o decreto que criou as cedulas de identidade obrigatorias.

Esses telegramas são assinados por individuos que exercem o «metier» de agentes de emigração, o que quere dizer que o decreto os incomodou muitissimo...

* * *

A' HORA do «Diario de Lisboa» ir para a maquina, devem estar reunidas as comissões dos partidos politicos encarregadas de promoverem a concentração republicana. Espera-se que os seus trabalhos fiquem terminados hoje.

# ARTE DE VENCER

Não obstante haver quem afirme que a guerra só provocou entre nós cubiças ilicitas e mandibulações descomunais, manda a verdade que se diga que muita iniciativa feliz se lançou em empresas de produção, que teem servido para nos proteger contra o *chomage* e contra a exgotante drenagem do oiro.

Os apaixonados, os que vivem escravisados a visões ou a manias que lhes perturbam as cabeças fumegantes, como não podem sair fóra do apertado circulo de fogo em que se agitam, ignoram o nobre esforço alheio. Para eles todo o capital é roubado, todo o esforço criador de riquesa se resolve em exploração.

Como julgam que a vida depende de metaforas e não de leis inexoraveis, atribuem á vontade dos homens imperfeições que derivam da fatalidade das coisas.

Estão, por isso, sempre prontos a chamar ladrões e vampiros do trabalho alheio a individuos que não fazem mais que concorrer eficazmente, a fim de evitar o dessangramento total da nossa economia.

Cremos que, com o tempo, o bom senso lhes fará compreender o seu erro ou o seu desvairamento. A sociedade em que vivemos acha-se constituida de maneira que as aptidões individuais só triunfem e se imponham pela concorrencia, pela luta.

Tem que haver vencedores e vencidos.

Estes não ficam condenados a uma perpetua situação de subalternidade, pois, em dado momento, podem refazèr-se, triunfando. O importante é que mantenham a sua coragem inacessivel a desanimos.

As situações, desde que não se apoiam na força nem em privilegios de casta ou de sangue, mudam constantemente — o que facilita aos competentes a afirmação e o reconhecimento do seu valor. Talvez este sistema não agrade a muita gente que deseja os prazeres faceis, os exitos de lotaria.

Os homens que acreditam em si proprios não se assustam, porque os seduz o risco de vencerem ou serem vencidos. Educam-se tecnicamente, cultivam-se, de modo que as suas qualidades lhes assegurem dadas probabilidades de successo. Nunca se enganam nos seus calculos, porque calculam só com elementos tão certos, como a sinceridade das suas ambições.

## PRATICA DA VIDA

(De «Sirio«

*—Se não mandarmos trigo não nos mandam carvão. O que lhe parece?*
*—Que vamos ficar sem trigo e sem carvão.*

MACHADO Santos previu que o movimento de 19 de outubro seria manchado por crimes. Não supôs nunca que a malvadês humana o escolhesse para vitima. Agitava-o o pensamento de promover uma revolução de caracter nacional que consolidasse de vez a Republica.

Infelizmente para ele, não teve tempo para executar tamanha empresa.

A sua generosidade de combatente não foi compreendida—mataram-no. A Republica, que tanto lhe deve, continúa em desassossêgo. Ha quem a perturbe com intenções e gestos ferozes.

Machado Santos repousa na paz da morte, com o seu sonho esmagado no peito. O seu proprio sangue foi derramado pelos que se intitulam salvadores da sua obra. Esta assenta hoje sobre o seu cadaver.

Sabem os bons republicanos o que isto quere dizer?

* * *

NUMA entrevista que teve com um redactor de *O Seculo*, o sr. dr. Domingos Pereira manifesta-se contrario ás revoluções. Registamos esta opinião, que tem tanto mais significação quanto é certo que o chefe dos dissidentes democraticos atravessa uma fase da sua vida politica em que a verdade patriotica é o verdadeiro pão do seu espirito.

* * *

CANDIDO Ferreira reuniu em volume, editado pela Livraria Férin, alguns dos seus contos tão interessantes e publicou-os com o titulo de—*Quero*. Quasi todos evocam aspectos da vida rustica, pincelando a bucolica aldeã, com côres suaves.

* * *

EM Marco de Canavezes constituiu-se uma comissão para construir um edificio que seja um pouco o centro da vida afectiva e mental de todos os marcoenses, qualquer que seja a terra onde se encontrem. Como obra de regionalismo, parece-nos exemplar. Cremos que nenhum dos filhos da linda terra duriense deixará de amparar e animar tão simpatica iniciativa.

* * *

PARECE quo todo o membro da Associação do Registo Civil que tome parte em qualquer acto religioso, é automaticamente eliminado. Como memoravel e perduravel exemplo de livre pensamento, não conhecemos nada de melhor.

* * *

O «DIARIO DE LISBOA» publicará na segunda-feira duas interessantes entrevistas: uma com o sr. dr. Vasco Borges, ministro do comercio, e outra com o sr. dr. Antonio Joyce, que ha pouco regressou da Belgica.

* * *

ANTONIO Joice chegou ontem do estrangeiro, menos comerciante do que foi e mais artista do que nunca. Os seus antigos companheiros do Orfeon Academico recordam, nesta hora do seu regresso, as grandes noites de triunfo, em Lisboa, Coimbra, Paris e outras cidades.

E, lembrando-se do passado, tributam a Antonio Joice, envolto na sua capa gloriosa de estudante, *primus inter pares*, o preito da sua memoria fiel á pagina mais luminosa da sua mocidade explendida.

* * *

E' possivel que o programa elaborado pelos partidos seja cumprido por um ministerio democratico, chamado ao poder logo após o acto eleitoral.

# Magazine

## O primeiro Sherlock Holmes

A America, grande terra, tem de tudo.

O chefe Vollmer, dr. Schneider, é considerado como o primeiro agente de policia secreta do mundo, pelos seus concidadãos. Se ele estivesse encarregado de procurar as provas materiais do delicto de Landru, outra valia teriam as provas de acusação deste que não são de forma nenhuma decisivas.

Aqui ha tempos foi descoberto á entrada da porta de uma casa de Barbeley um embrulho de nove cartuchos de dinamite.

Os cartuchos eram anonimos como todos os desta naturesa, o jornal em que estavam embrulhados eram velhos e nada diziam á policia. Só do cordel se poderiam tirar algumas provas.

Guardou o cordel o dr. Schneider. Estava sujissimo. Analisou-o ao microscopio, depois fe-lo coser dentro de agua algumas horas até lhe tirar a sujidade. Tornou a analisá-lo de novo, depois do que encarregou os agentes de saber onde se encontra: 1) uma certa qualidade de pinheiros; 2) um certo terreno arenoso; 3) uma raça especial de coelhos, pretos e brancos... A quarta era coisa especial que o chefe Vollmer guardava na manga do casaco, e só o revelou quando os agentes lhe vieram dizer que tinham descoberto o logar que reunia as três condições: o cordel era duma especie de que costumam servir-se os cesteiros.

Com efeito havia um cesteiro na localidade. E bem de ver que não foi condenado por provas tão complicadas, mas foi catalogado nos registos da policia...

## Landru, estrela!

Eis o que poucos esperavam entre nós, onde os debates do processo de Landru têem despertado imensa curiosidade: Landru, se não fôr enforcado, será estrela de *cabaret*.

O processo tem despertado em Inglaterra uma curiosidade louca, sendo de acentuar que a Inglaterra é o país onde reina maior entusiasmo pelos debates do processo crime.

Os ingleses não mostram contra Landru a menor indignação nem repugnancia; consideram-no muito curioso, muito *humorous*, impagavel.

Nesta ordem de idéas, há um director de «music-hall» de Londres que resolveu disputá-lo a peso de oiro, para atrair o publico ao seu teatro, se... Landru fôr absolvido. Considera-o um comico infinitamente mais faceto do que todos os comediantes da gargalhada.

A Landru só faltava desbancar Charlot...


Graça ás pilhas só a têm os clowns do

**Coliseu dos Recreios**

**CINEMA CONDES**

**HOJE-Soirée da Moda-HOJE**

**ESTREIA**

**DO INTERESSANTE FILM PORTUGUÊS**

VERANEIOS ELEGANTES EM SINTRA E CASCAIS

ASPECTOS DE SINTRA

TORNEIO INTERNACIONAL DE TENIS EM CASCAIS

**Reprise da grandiosa ESTREIA de ontem**

PELO MAIOR PREÇO (5 partes)

**Em pleno sucesso o lindissimo film colorido de assuntos orientais**

A SULTANA DO AMOR (6 partes)

(Um conto das Mil e Uma Noites)

**Magistral interpretação de France Dhélia que se estreia em Portugal**

Na proxima segunda-feira ESTREIA do grandioso film português **O AMOR DE PERDIÇÃO** extraido do romance de Camilo Castelo Branco interpretado por notáveis artistas portugueses.


**"DIARIO DE LISBOA"**

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

# CRONICA FINANCEIRA

# O NOSSO CREDITO ESTRANGEIRO

## UMA CARTA EDIFICANTE

### Desnivelamente do cambio -- Importações: direitos em ouro--Pautas duplas -- Tratados de comercio

Na nossa *Nota Financeira* publicada ontem no *Diario de Lisboa* e que, pelo proprio teor, se reconhece ter sido escrita para sair antes do dia 25, diziamos nós que o desnivelamento cambial, notado esta semana, se explicava pela proximidade do fim do mês e a proximidade do dia 25, dia em que começavam a vigorar os 100 °|o com que foi agravada a importação.

E' obvio que o comercio importador havia de querer poupar a essa lei as mercadorias que ás nossas alfandegas tivessem chegado antes do dia 25 e de aí uma causa de maior procura de cambiais. O proprio comercio o declarou na imprensa, ao queixar-se até da morosidade das autorizações. Mas nessa nossa *Nota*, aparecida ontem, diziamos que, além da proximidade das liquidações do fim de mês, desta feita acrescidas da proximidade do dia 25, havia talvez outro factor para explicar o agravamento que nos ultimos dias se deu no nosso cambio.

Sendo a ordem publica um facto, sendo a estabilidade do governo maior que a semana anterior, não vindo o Estado ao mercado comprar ouro, sendo a compra de cambiais regulada de perto pelo sr. ministro das finanças, não vemos rasão para que o cambio se firme desta forma.

A classica aproximação do fim do mês, com as suas liquidações explica alguma coisa de oscilação; a acumulação de compradores, que em seu natural e muito legitimo interesse queriam despachar a mercadoria que podessem, antes de lhe cair em cima o novo gravame pautal, tambem explica bastante o desnivelamento agora sofrido. A simples circunstancia de o Estado—que é o mais forte comprador de ouro — não ter vindo ao mercado e o saber-se demais a mais que não precisaria de concorrer nestes meses mais chegados, era uma razão muito bastante para o cambio afrouxar, acusando uma melhoria sensivel na nossa divisa.

Não se deu. O facto é muito estranho.

Não podemos procurar as causas do fenomeno, no interior, afóra as que já citámos— as liquidações de 25 e as liquidações do fim do mês.

Talvez não bastassem para nos pôr o cambio de 5, 5 1|4 e 5 1|8 que estava a 4 3|4.

A acção oficial tem sido cuidadosissima; a acção da industria bancaria tem sido em todo o ponto louvavel, colaborando desinteressadamente nas intenções e com os esforços de s. ex.ª o sr. ministro das Finanças.

Haverá, então, algum factor externo que nos esteja prejudicando?...

* * *

Não lhe chamaremos inimigo, embora os resultados não sejam de uma amisade por aí além. Mas que ha qualquer factor, no mundo financeiro estrangeiro, em relação com a nossa praça, e que nos está prejudicando gravemente, pendemos a crêr que haja.

Chegou ha pouco a Lisboa uma carta muito edificante, que dá a entender isso.

Seria o caso que, tendo alguem dado ordens para que uma liquidação feita numa praça estrangeira lhe ser remetida por intermedio de determinado banqueiro português, foi-lhe ponderado que era dificil de cumprir essa ordem, porquanto o banco estrangeiro que fôra encarregado dessa liquidação não trabalhava com Portugal.

E para que o cliente não considerasse o banco estrangeiro, a que aludimos, como tendo uma rede do correspondentes insuficiente, a carta acrescentava que como eles o banco tal e o banco tal e o banco tal e o banco tal tambem não trabalhavam neste momento com a praça de Lisboa.

Porquê? pregunta-se.

Porque os bancos estrangeiros não quizeram fazer o deposito a que a industria bancaria foi ha pouco tempo obrigada a fazer, para exercer o comercio de cambiais?

Consideramos isto bastante grave, e é ocasião de preguntarmos a nós proprios se os bancos estrangeiros que trabalham em Portugal abandonariam o comercio de cambiais por mera birra com essa nossa imposição legislativa ou se não haveria outras razões que a tal resolução os levasse.

Numa hora social, revôlta, em que á industria bancaria o criterio simplista e sentimental das multidões tem atribuido a autoria interessada do desnivelamento cambial; numa hora social, em que aos banqueiros é encabeçado um odio como sóe haver nos profissionais da politica, e isso noticiado nos jornais, acompanhado de locais que referem perigos de assaltos a bancos e casas bancarias de Lisboa,—não seria de estranhar que a industria bancaria estrangeira, querendo eximir-se a êsses odios e a êsses perigos abandonasse o mercado de cambiais.

Mas a hora tôrva passou, ficando agora apenas aquele limo que é o boato.

E s. ex.ª o sr. ministro das Finanças, de colaboração com o seu colega dos estrangeiros, talvez pudesse remover esta causa de descredito que infalivelmente há-de estar sendo no exterior este facto de os bancos estrangeiros responderem secamente que não trabalham com Portugal...

* * *

O comercio queixa-se do gravame dos direitos alfandegarios e argumenta:

1.º O Estado vai ter um prejuizo, uma cessação de receita, porque a importação diminuirá.

Responde o governo: é isso o que se pretende, para que a drenagem de oiro seja menor, e a nossa divisa melhore.

2.º Os Estados estrangeiros reclamarão, para não perderem o nosso mercado.

Responde o govêrno: na hora em que se trabalha numa pauta dupla, em convenções comerciais, sinfonia de tratados de comercio até por tactica administrativa, era aconselhavel taxar as importações tão alto que, ao *tratarmos*, o terreno da cedencia tivesse mais margens.

Quanto a ameaçar o govêrno português com as imposições externas, nem o comercio e a industria portuguesa dão semelhante espectaculo, dirigindo-se ás legações estrangeiras acreditadas em Lisboa para removerem assuntos da nossa vida interna, nem quem tiver a cabeça no seu lugar se põe a tremer com mêdo do papão. Não nos acreditemos nós como desordeiros sistematicos e incorrigiveis, que ninguem se mete com a nossa vida. E a melhor forma de nos respeitarem ainda é nós começarmos por ter tanto respeito por nós mesmos que nem admitamos a hipotese de ser preciso preguntar se será simpatica ao vizinho a lei em que resolvamos viver na nossa casa, isto dentro, é claro, da noção das relatividades e dos elementares principios da vida de relação.

Por nós não sabermos governar, temos tido muitas amarguras.

Por nos administrarmos bem, nunca nos virá mal, só bem!


**PANCADA, MORAES & C.ª**

**Prata, ouro, moedas e notas de todos os paises, coupons nacionais e estrangeiros, vencidos e a vencer**

**: : : : compra aos melhores preços : : : :**

**RUA AUGUSTA, 37 (esquina da R. S. Julião)**


# Mundanismo

### Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Maria da Madre de Deus de Almeida Napoles de Carvalho (Chancelciros), D. Margarida de Almeida Artagão, D. Maria Carlota de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), D. Mariana Vitoria Duarte Pinto, D. Herminia Sepulveda, D. Antonia Burnay e a menina Esperança Maria Pedreso da Costa.

e os srs.:

João de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), Eduardo do Couto Luppi, Carlos da Guerra Quaresma Marin, Antonio Mendes de Vasconcelos Guimarães (Riba-Tamega), José Gil de Gouveia Beltrão, José Luís Pinto Martins e Frederico Generoso de Oliveira.

### Bodas de prata

Completam hoje vinte e cinco anos de casados os nobres titulares srs. condes de Margaride. Por êsse motivo, acompanhamos os ilustres titulares, desejando-lhes mil felicidades.

### Nascimentos

Teve ha dias o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Amalia de Sales Caldeira e Silva, esposa do sr. Antonio Emilio da Silva.

Mãe e filho encontram-se, felizmente, bem.

### Concertos elegantes

*No S. Luís*

A'manhã realiza-se a inauguração dos concertos sinfónicos da orquestra sôb a regencia do brilhante maestro Pedro Blanch, no qual será executado um extraordinario programa. A tarde de ámanhã no S. Luís será de elegancia e verdadeira arte.

*No Politeama*

Para o terceiro concerto de assinatura organisou o habil maestro Fernandes Fão um esplendido programa.

A'manhã neste elegante teatro será mais uma vez o ponto de reunião da nossa melhor sociedade.

### Pontos de reunião

*Em S. Carlos*

A recita da moda de ontem neste elegante teatro foi como era de esperar brilhantissima, representou-se pela segunda vez a engraçada peça «O Regresso» á qual a magnífica companhia «Rey Colaço-Robles Monteiro», dão grande realço. Na assistencia recorda-nos ter visto entre outras as senhoras:

Condessa do Ameal, D. Maria de Sande Aires de Campos (Ameal), D. Alda Guedes Pinto Machado, D. Olga Ferreira Pinto de Lencastre, D. Vera Ferreira Pinto de Castelo Branco Ribeiro da Cunha, D. Maria de Mascarenhas e Menezes e filha D. Maria Luisa; D. Maria Amelia de Sande Aires de Campos de Barros Menezes Moreira, D. Guiomar Maria de Laxman Ferreira Pinto Basto de Sousa e Menezes, D. Maria Amelia Sazameta Simões, D. Maria Albertina Silveira Pires, D. Maria Barral Filipe Barradas, D. Albertina Machado, D. Maria Luisa Schroeter de Oliveira Pires, D. Sara Luiza Portocarrero da Mota Ferreira Cardoso, mesdemoiselles Costa, etc., etc.

*No Politeama*

A encantadora peça «Uma mulher sem importancia», a que a companhia da notavel actriz D. Lucilia Simões, dá um belo conjunto, continua atraindo todas as noites a êste vasto teatro uma seleta concorrencia.

Hontem recorda-nos ter ali visto entre outras as sr.ªs:

Condessa de Santar, D. Carlota de Serpa Pinto Santos Moreira, D Maria Alix Maury de Melo (Sabugosa), D. Maria da Costa Santos e filhas D. Maria Violante e D. Maria Cristina; D. Laura Machado Vieira, D Graziela Gomes, D. Maria do Carmo Roquete Soares de Albergaria Ortigão Burnay, D. Ludovina Roquete Soares de Albergaria Diniz, D. Maria Laura Pacheco Pinto de Magalhães Novais e filhas D. Maria Alice, D. Maria Tereza e D. Maria de Lourdes; D. Maria do Pilar, D. Maria Cristina e D. Maria Helena de Faria, etc., etc.

*Agenda*

A'manhã, domingo, a nossa sociedade dará á noite «rendez-vous» no teatro de S. Carlos, onde se repete a linda e engraçada comedia «O Regresso», e depois de ámanhã na recita da moda no Coliseu dos Recreios.


**TEATRO SÃO LUÍS**

**Empresa A. Ramos, L.ª**

**Concertos Blanch**

**Domingo, 27**

1.º concerto de assinatura da

**Orquestra Sinfónica Portuguêsa**

dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH.

Extraordinario programa

Obras de **Beethoven, Wagner, Borodine, Mackenzie e Bizet** em 1.ª audição

**BILHETES Á VENDA**

**FURUNCULOS**

**Diabetes, doenças da pele e dos intestinos**

**curam-se com fermento d'uvas**

*Formosinho*

**Farmacia Formosinho**

**Praça dos Restauradores, 18**

LISBOA

## OS MORTOS QUE NÃO ESQUECEM

# *Augusto Rosa* E A *homenagem do Porto*

# *Um capitulo* DAS *"Memorias e Estudos"*

**Os olhos do grande artista**
*(Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro)*

# "TODO O CUIDADO É POUCO"

***A capital do norte presta ámanhã homenagem á memoria do eminente actor Augusto Rosa. O «Diario de Lisboa», querendo associar-se a tão simpatica consagração, publica a seguir um capitulo do interessante livro «Memorias e Estudos» que o grande comediante escreveu nos ultimos anos da sua vida triunfante.***

Hoje a nossa lingua, falada em Portugal, no Brasil, numa parte da Africa e da India, está muito divulgada no estrangeiro. E' um perigo, quando se viaja, dizer coisas que não queremos que os outros entendam. Sujeitamo-nos a ouvir o que nos não é agradavel.

Uma vez, em Cauterets, ajustava eu num dos bazares do Parque um chambre de lã dos Pirineus, feito por medida, egual a um que estava em exposição. Como me pedissem caro, discutia o preço, a qualidade da fazenda, o feitio, a côr... A caixeira — era uma caixeira — mulher já durazia, com modos delicados, falinhas mansas e aspecto muito grave, tratava de me vender com muita arte —aquela arte que os franceses teem quando querem fazer negocio—o tal chambre confortavel — ainda o tenho, saiu bom, tem durado — de que eu gostava. Receando que a mulhersinha me enganasse, voltei-me para um amigo que me acompanhava e disse-lhe:

—Este demonio é capaz de mandar fazer um chambre de tecido egual a este no padrão e na côr, mas de lã muito mais ordinaria; nesta gente não ha que fiar; são muito intrujões (sic).

Mal eu tinha terminado o meu comentario, ouço a mulher dizer-me do lado:

—*Ah! Non, monsieur; vous vous trompez, c'est une maison sérieuse.*

Olhei para ela, engoli em seco e perguntei-lhe na minha lingua:

—Sabe português?

—Quasi tambem como o senhor — respondeu, apenas com um ligeiro sutaque, mixto de brasileiro e de francês.

Um pouco desconcertado e com riso amarelo — porque, emfim, não é agradavel ser apanhado em flagrante má lingua — disse-lhe amavelmente:

—Mas que bem fala o português; parece-me estar a ouvir uma compatriota.

—Não admira; vivi no Rio de Janeiro vinte anos e lá casei e enviuvei...

E, como este caso, aconteceram-me mais alguns interessantes, e entre eles, este, que no primeiro momento me encheu de espanto; demais a mais, nesse tempo ainda era novato. Estava em Paris com meu querido pai — foi na minha primeira viagem —e tinhamos ido á Comedia Francesa visitar um amigo dele, que era o *caissier* do teatro. Subimos ao seu escritorio, um pequeno gabinete com janela para a praça do Teatro Francês, e, depois dos cumprimentos e abraços e de meu pae me apresentar, sentámo-nos num largo *divan*, ao lado da secretária. Lembro-me como se fosse hoje. Era dia de pagamento e o amigo de meu pai, o *caissier*, estava contando maços de notas. Devo dizer que este homem era casado com uma filha do grande actor Samson, uma notavel escritora e uma velha amiga de meu pai.

Depois de estarmos sentados e de feitas as habituais preguntas de: Quando chegaram? Demoram-se? Partem breve? — começaram a entrar no escritorio alguns dos principais artistas do teatro. Bressant foi o primeiro. Alto, desempenado, apesar da sua edade, possuia uma distinção inegualavel, uma elegancia suprema na sua simplicidade, uma fisionomia aberta, um grande ar de fidalgo da mais pura raça. Vestia uma calça estreita — era a moda—um jaquetão escuro, colete claro, um grande laço azul com pintas brancas e trazia na cabeça um largo feltro preto.

Meu pai, que o conhecia, falou-lhe e apresentou-me. Fiquei encantado. Era o mais *bon-enfant* que se pode imaginar; imediatamente me senti á vontade com ele.

Depois veiu o velho Régnier, já reformado. Este grande artista, este grande mestre, tinha uma linha inteiramente diferente da de Bressant. Não era alto, usava umas suissas aparadas, que vinham quasi a meio das faces, cabelo curto, uma sobrecasaca e colete pretos, calça escura, um *plastron* tambem escuro, e chapéu alto. Ornava-lhe a lapela a fita da Legião de Honra, concedida como professor do Conservatorio. Tinha o perfeito aspecto do burguês retirado dos negocios; ninguem diria, ao ve-lo, que estava ali um grande artista.

Depois veiu Laroche, em seguida Delaunay, o eterno galã, tão primoroso no drama como na comedia; a Madelaine Brohan, a Jouassin, etc. A todos fui apresentado, eu, o aspirante a actor!

Uma hora durou aquela deleitosa visita, uma hora que decorreu em cinco minutos, pois tantos me pareceram os da encantadora revista que passei a alguns dos maiores actores da França.

Em seguida ás nossas despedidas, e já quasi á porta do gabinete, pregunta-me o amigo de meu pai:

—Então tem gostado de estar em Paris? Tem-se divertido muito?

O português não podia ser mais puro. Outro que tinha vivido muito tempo no Rio de Janeiro, como a caixeira de Cauterets.

Fiquei tão assombrado com a pregunta daquele homem, *caissier* da Comedia Francesa, que me havia apresentado a todos aqueles artistas, que me fiz encarnado como uma malagueta, e ele e meu pai dasataram a rir a bandeiras despregadas, da minha cara espantada, espavorida, aparvalhada!

A' saída amuei-me com meu pai, por me não ter prevenido da maneira correcta por que o seu amigo falava o português, obrigando-me a fazer aquele papel, ou outro peor, por ignorar o conhecimento que ele tinha da nossa lingua.

Tambem uma outra vez se deu comigo ainda um caso parecido.

Fui a um grande estabelecimento de chapeus de senhora, na Avenida da Opera. Precisava comprar um modelo que me tinham encomendado. Como gostei sempre de ouvir a opinião de mais alguem em assuntos de modas, levei comigo dois companheiros de viagem.

O estabelecimento tinha loja e *entre-sol.*

Depois de vêrmos o que estava exposto na loja, fomos convidados por uma das caixeiras — eram tudo caixeiras — a subir ao *entre-sol*, onde em salões luxuosamente mobilados e tapetados se mostravam os mais lindos modelos. A um canto de uma das salas havia uma secretária, onde um cavalheiro, correctamente vestido de sobrecasaca, com aspecto de *galo* daquêle *galinheiro*, parecia dirigir o movimento geral do armazem de *modes.*

A caixeira que me acompanhava aconselhava-me a comprar um lindo chapeu, que me convinha no preço, mas que parecia um pouco exagerado no tamanho. Trocava impressões com os meus companheiros, discutia com a caixeira as dimensões do modelo, quando o cavalheiro correctamente vestido de sobrecasaca, que estava sentado á secretária, se levanta e me diz em correcto português:

— Não acho que v. ex.ª tenha razão; a fôrma do chapéu não é grande, é o que nós chamamos uma *toque.*

Ainda mais outro, que tambem residira largos anos no Rio de Janeiro, como depois me contou.

Felizmente, eu não empregara nenhuma frase desagradavel para o comercio francês, se não tinha tido segunda sensaboria, como a de Cauterets, com a dama durazia do estabelecimento do Parque . . .

E' por estes e outros casos analogos que, quando se viaja, não devemos dizer na nossa lingua frases que não queremos que os outros entendam.

**LOPO DE CARVALHO, FILHO**
Professor da Faculdade de Medicina de Coimbra
Doenças pulmonares
Consultas das 3 ás 6
CALÇADA DO CARMO, 3, 1.º (ao Rocio)

"Diario de Lisboa"
Vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

**Preços de assinatura do "Diario de Lisboa"**

| | |
|---|---|
| 3 meses | 9$00 |
| 6 » | 18$00 |
| 12 » | 36$00 |

*Para as colonias e estrangeiro acresce o porte do correio*
**Pedidos á administração: Rua Luz Soriano, 48**

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

# A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

## Chá das cinco

### Literatura de viagem

### DA PAISAGEM

*O comboio é um grande desvendador de paisagens. Devo-lhe o grande serviço de me ensinar a amar a minha Patria, Eu, citadino, mal poderia amar o meu país se o comboio não mo tivesse revelado. O que amaria eu, nela? O paralelipipedo?*

***

*Lembro-me da primeira vez que ele ma mostrou. Era para Trás-os-Montes e era de inverno. E eu que tinha da paisagem a visão monotona duma monotonia verde, vi uma paisagem sem verde, sem flores, sem frutos, quasi sem arvores e, apesar disso, paisagem. Vi rochedos nús, mal manchados de mato, de sombras, de babugens de terra. Vi arvores sêcas, encorrilhadas, descarnadas, aflitivas como mãos de afogados saindo do lume de agua. Corri sobre o dorso de alguns montes, doceis como elefantes. Trouxe meus olhos brincando na linha inquieta dos horisontes, como bolas no penacho dos repuxos. Tive frio. E a impressão de que o frio era a flor daquelas arvores. E o guardador daqueles rebanhos. E a materia daqueles longes.*

*A aldeia apareceu-me como uma casa destelhada e tive a impressão de que a paisagem —era tragedia.*

***

*Hoje não. E' inverno tambem, mas inverno de entre Douro e Beira. A vegetação continúa. Só o verde, que eu detesto, que me embacia os olhos com uma esmeralda suja, só o verde cede—cede no encanto inegualavel do envelhecer.*

*Não é só o cisne que canta á hora da morte. Tudo canta, á hora de morrer. A melancolia é a mais linda côr das almas e da natureza. Da janela do meu quarto oiço com os meus olhos a linda, a estranha sinfonia dos cabelos brancos da paisagem—que são amarelos, que são fulvos, que são côr de vinho, que são mil maneiras bonitas de envelhecer, de envelhecer com côr, de morrer em fogo.*

*Parece, na verdade, que toda esta ramada arde, em chamas recortadas, alegres, dionisiacas.*

*A vista da minha janela é um encanto. E' um cinto de fogo—um fogo—morto de folhas, folhas velhinhas, folhas cançadas de serem verdes, de serem monotonas, de serem novas.*

*Ser novo é ser banal, Tambem nós nos havemos de cançar de ter vinte e cinco anos —de sermos verdes. Os vinte e cinco anos são todos iguais uns aos outros. Ter vinte e cinco anos é ser banalmente forte e amado. Os quarenta e cinco não. Não ha quarenta e cinco anos semelhantes uns aos outros, como não ha, nesta procissão de folhas amarelas, dois amarelos iguais.*

*Cada folha tem a sua* nuance. *Ponho-me a vê-las e a dar-lhes humanidade. Parecem-me vidas. E vejo-as—amarelo doirado, triste, resignado; amarelo cheio de verdes, de saudades, de raivas; fulvo, fulvo-novo, velhice-nova, cabelos brancos e bôca vermelha.*

*Passei a tarde toda a olha-las, como quem vê passar mulheres, no Chiado.*

*Numas que ali ha, côr de azeite, revejo o cabelo oleoso de certa loira de hotel; na sombra que cáe, as folhas crepitam em fogos ultimos; já não vejo nada mais da minha janela; só a folhagem, a folhagem toda, tocada de um vento leve e de uma penumbra entontecedora, parece levantar-se, como uma sarabanda estranha de mulheres ruivas, a dançar diante da janela, a entrar-me pela janela dentro... Fecho a janela.*

*Oliveira de Azemeis, 25.*

A. de B.

**COLISEU DOS RECREIOS**

ÁMANHÃ — Matinée em que têm entrada gratuita as crianças acompanhadas

### O ministro das colonias e o conselho colonial

O sr. ministro das colonias mandou ouvir o conselho colonial ácerca de varias medidas propostas pelos governadores das nossas provincias ultramarinas.

A POLITICA DOS LIBERAIS

## *Ribeiro de Carvalho* e os seus correligionarios

**O DIRECTOR DO JORNAL "A REPUBLICA", QUE EM BREVE REAPARECERÁ, EXPLICA AO "DIARIO DE LISBOA" A RAZÃO DE CERTAS DISCORDIAS EXISTENTES NO P. R. L.**

### "Não os pouparei. Aqueles intrigantes e caluniadores que costumam envenenar todos os partidos têm de preparar as costas. Não os pouparei."

O jornal *A Republica* vai recomeçar dentro em breve a sua publicação, circulando as noticias mais desencontradas ácêrca da atitude que assumirá em relação á situação politica e á vida interna do partido liberal. O acaso fez-nos encontrar com o director de aquele jornal, o ex-deputado sr. Ribeiro de Carvalho, a quem interrogámos, tomando como base da conversa um boato, velho de algumas semanas:

—Então vai ser restaurado o Partido Evolucionista?

O sr. Ribeiro de Carvalho sorri, e explica:

—Não. São boatos... boatos... Por emquanto não pensamos nisso. Realmente existe nos elementos do antigo partido formado pelo presidente da Republica uma certa saudade pelo evolucionismo, que era, mais do que um partido, uma verdadeira familia. O espirito evolucionista, generoso, desinteressado, altivo, nobilissimo, não morreu. Ele persiste ainda, cada vez mais forte e mais vivo. Tem-se, porém, mantido dentro do Partido Liberal, com uma lialdade e uma correcção absolutas.

—Em todo o caso ninguem pode negar as divergencias havidas dentro do seu partido... —ajuntamos.

—Nem eu as nego—diz vigorosamente o sr. Ribeiro de Carvalho—mas divergencias há-as em todos os organismos politicos. Em todos, sem excepção. E as do Partido Liberal têm sido de pouca importancia até.

«Houve meia duzia de descontentes que moveram uma campanha contra alguns elementos evolucionistas. Foram, porêm, acolhidos com tal despreso que tiveram de...

—Abandonar o seu proposito?

—Exactamente. Há tratantes que morrem asfixiados pelas suas proprias façanhas, e foi o que sucedeu com estes cavalheiros de industria... politica.

—De modo que o Partido Liberal mantem-se um e indivisivel?

—Assim o creio. A fragmentação das fôrças politicas, entre nós, foi sempre um erro crasso. Um erro, no tempo da Monarquia, para os monarquicos, um erro para a Republica, para os republicanos e para o proprio regime.

—E v. vai defender estes pontos de vista no seu jornal?

—Claro. *A Republica*, debáixo da minha direcção, vai fazer uma politica abertamente liberal. Será mais um orgão partidario, combativo, audacioso, batendo em quem tiver de bater, mas dentro da disciplina partidaria.

—Mesmo que tenha de bater em liberais?

O sr. Ribeiro de Carvalho, com energia e decisão, responde:

—Mesmo em liberais. Se houver correligionarios cuja acção fôr prejudicial aos interesses do partido, não os pouparei, tenha a certesa disso. Aqueles intrigantes e caluniadores que costumam envenenar todos os partidos, têm de preparar as costas. Não os pouparei, não os pouparei.

—E é verdade que vão instalar-se no edificio do seu jornal varios centros politicos?

—Sim. O Centro que têm o meu nome, o Centro Manuel de Arriaga e o Centro Antonio Granjo.

—Mas diz-se que no edificio de «A Republica» aparecem apenas antigos evolucionistas?.,.

—Apenas, não. Aparecem principalmente antigos evolucionistas, mas isso é natural. O Centro do largo da Trindade foi sempre um Centro agitado, concorrido, forte de energias populares. As grandes massas combativas do partido evolucionista, aquelas que por mais duma vez venceram e desbarataram nas ruas de Lisboa as forças do partido democratico reuniam-se e concentravam-se no edificio de «A Republica» e nunca aprenderam o caminho do luxuoso edificio da «Lucta», onde tinham de conviver com gente de psicologia diferente, reservada, pautada, ponderada, desconfiada.

As massas populares do antigo partido evolucionista, essencialmente combativas, ruidosas, entusiasticas e revolucionarias, não se habituam ao abafado ambiente de recolhimento intelectual que existe na «Lucta». Preferem o «á vontade» do edificio de «A Republica».

«Tanto *A Republica* como o centro da Trindade, como todos os seus organismos, aspiram apenas a ser mais um forte baluarte do Partido. Baluarte disciplinado, sempre dentro da lei organica e partidaria, sempre disposto a combater aqueles que procurem evidenciar-se pela calunia, pela intriga, pela deslialdade. O partido há-de ser, não um foco de intrigas e de invejas miseraveis, mas uma grande força politica destinada a servir a Republica. Senão... senão...

—Senão... o quê?

—Não me pergunte mais. Eu não sei combater senão frente a frente, de cara a cara, falando claro e procedendo direito. Já uma vez o disse ao sr. Barros Queiroz, quando ele me veiu com certas imposições dos antigos unionistas.

Se há unionistas antigos ou modernos que se permitem fazer imposições dentro do Partido Liberal, não temos nada feito. Essas imposições não as admito, não estou disposto, sequer, a discuti-las; confio, porém, no futuro. Eu, pelo menos, tenho vivido sempre na melhor harmonia com as figuras mais categorizadas do antigo unionismo. Quanto ás imposições de outras figuras, repito-lhe: nem as discutio. Não lhes ligo a menor importancia porque só me inspiram o mais completo desdem, para não dizer o mais completo despreso.

—O Partido Liberal vai ás eleições de acôrdo com os outros partidos?

—Não pode deixar de o fazer, se as eleições se efectuarem no proximo dia 11. Mas ha-de lá ir em condições honrosas, em condições dignas.

«O Partido Liberal, que é a maior fôrça politica do país, não tem sabido impôr-se, porque não tem havido, da parte dos dirigentes, nem coragem nem decisão.

«Andámos sempre de cocoras diante dos outros, quando deviamos andar erguidos e de cabeça levantada.»

A entrevista havia terminado. O sr. Ribeiro de Carvalho despede-se de nós e dirige-se a outra sala, onde uns trinta ou quarenta oficiais o aguardam. Iam agradecer a sua atitude na questão dos milicianos.

### *O Congresso Economico Nacional*

**O ministro do Comercio não pode assistir á inauguração**

Por motivo de serviço publico, o sr. ministro do Comercio não pôde ir ao Porto assistir á inauguração do Congresso Economico Nacional. Fez-se, porém, representar pelo sr. Lisboa de Lima.

### Marinha mercante

*Reunião da comissão encarregada da sua reorganização*

Reuniu hoje a grande comissão encarregada de elaborar um projecto de reorganização da nossa marinha mercante, continuando a discussão do acto geral de navegação.

A BEM DO POVO

## AS AGUAS DAS ALCAÇARIAS DE D. CLARA E OS OPERARIOS DO ARSENAL DO EXERCITO

**"A exploração do conhecido estabelecimento termal deve ser entregue á nossa associação de socorros mutuos"**

**DIZ-NOS**

### Manuel Lucio, presidente da direcção

As Alcaçarias de D. Clara, o velho estabelecimento termal que toda a Lisboa conhece, não sendo pequeno o numero das pessoas que, nas suas preciosas aguas, tem encontrado lenitivo a doença que a farmacopea tem sido impotente para debelar, encontra-se agora, após um processo que se arrastou nos tribunais durante alguns anos, em poder do Estado. Este propõe-se abrir concurso e entregá-lo á exploração particular, o que sobremaneira desagradou aos operarios do Arsenal do Exercito, cuja associação de socorros mutuos, uma das mais antigas e modelares do país, pretende a concessão das Alcaçarias, a titulo de usufructo, a fim de evitar a exploração comercialista, que não deixará de prejudicar os pobres, que constituem a grande maioria da clientela daquelas termas.

Interrogado por nós, o sr. Manuel Lucio, presidente da direcção da Associação de Socorros Mutuos do Pessoal do Arsenal do Exercito, disse-nos:

—O alto interesse manifestado pela colectividade a que presido traduziu-se, neste caso, por um grito de alcance que foi bem compreendido por todas as entidades oficiais, incluindo a propria Camara Municipal. A verdade é que, há quasi três anos, a população de Lisboa se encontra privada da utilização das Alcaçarias de D. Clara, isto com grande satisfação do proprietario dos banhos das Alcaçarias do Duque, que vem aumentando de dia para dia, de uma fórma assombrosa, a sua tabela de preços.

«Creio que interpreto o sentir de todos os meus consocios afirmando que a nossa associação tomará a direcção desse estabelecimento com o intuito de beneficiar a saude e higiene publicas, sobrecarregando cada banho apenas com a quota indispensavel para cobrir as naturais despesas, estando perfeitamenne afastada de qualquer ideia comercialista.

—O publico não duvidará, certamente, da sinceridade das vossas intenções...

—O que não conhecemos ainda bem, é o estado a que o proprietario desse balneario, na sua sanha vandalica, reduziu todas as «cabines» e respectivas tinas, e neste caso se nós possuimos recursos para repôr o que foi destruido, e melhorar o que se torne indispensavel, isto em conformidade com os principios estabelecidos para estabelecimentos desta natureza, sob o ponto de vista de higiene e desinfecção, que até agora muito teem deixado a desejar. Teremos, tambem, que realizar trabalhos no sentido de que a agua dispersa, seja aproveitada no maximo. Para se fazer tudo isto, é que não sabemos se teremos recursos, mas estamos certos de que será facil realizar, com boa vontade, um emprestimo do Estado, pelo qual a instituição será responsavel.

—Mas, e o concurso que o decreto manda abrir?

—Julgamos que se fará concurso, mas esse concurso satisfará inteiramente as necessidades do publico? Ou proceder-se-ha como até agora, cedendo o proprietario duas outras «cabines», quási sem luz, para os indigentes e os socios das associações tomarem banhos, isto, emquanto faz o maximo de aproveitamento comercial das outras «cabines», sem quaisquer preocupações de higiene e de desinfecção material? Estou certo—concluiu o nosso entrevistado—de que as entidades que tomaram a peito a resolução do assunto e o resolveram, em proveito do publico, hão de continuar a salvaguardar os seus interesses das arremetidaa de qualquer comerciante menos escrupuloso.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

# A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

UMA OPINIÃO

## COMO SE DEVE FAZER A ESCOLHA DO JORNALISTA QUE VAI AO RIO DE JANEIRO?

**"Portugal, nesta missão, necessita ter um enviado especial e, como tal, precisa cuidar muito da sua escolha"**

**DIZ-NOS**

### o brilhante jornalista José Sarmento

*Meu presado amigo.—A Imprensa da Manhã* responde á minha carta de ontem, com considerações de varia ordem, pretendendo que eu estou em erro quanto aos tramites seguidos na escolha de um delegado da imprensa de Lisboa á Exposição do Rio de Janeiro. Em primeiro logar, cumpre-me afirmar que, ao erguer o meu grito de protesto, não quiz, de fórma alguma, envolver nesta questão nomes de pessoas, nem o organismo que existe sob a denominação de Associação dos Trabalhadores da Imprensa, onde estão filiados profissionais que eu respeito pela sua honorabilidade e, tambem, pelo seu trabalho nesta ingloria faina de comunicar com o publico por meio da letra redonda. E' certo, porém, que não se trata agora, de uma representação... em familia. E, sem de modo algum querer pôr em duvida a inteligencia de muitos dos socios da A. T. I., a verdade é que o delegado da imprensa de Lisboa, na alta função de que se trata, tem de estabelecer um contacto directo com a imprensa do Brasil onde há—certamente a A. T. I. não desconhece este facto—mentalidades do mais alto valor e do melhor quilate.

Considero o acto praticado pelo sr. Nobre Martins dentro das normas da maior discrição, pois que ele quiz evitar uma responsabilidade de que, porventura, um dia lhe pediriam contas, e o facto do ilustre comissario do governo na exposição do Rio de Janeiro ter oficiado á A. T. I. convidando-a a eleger um delegado, é naturalmente explicavel pois que essa colectividade é, realmente, visivelmente, o organismo que parece representar todos nós.

Mas, em rigorosa verdade, isto não é assim, visto muitos jornalistas—muitos—não estarem filiados. No emtanto, se a Associação dos Trabalhadores da Imprensa julga poder sobre os seus ombros com o pezo de tamanha responsabilidade, ela que se manifeste. Mas,—é preciso fixá-lo desde já,—a empresa é arriscada, por isso que nós temos, nunca é demais registá-lo, de nos defrontar com o Brasil intelectual, onde ha figuras do maior relevo literario.

Portugal, nesta missão, necessita ter um verdadeiro enviado espiritual e, como tal, precisa de cuidar, com o maior escrupulo, da escolha de quem o represente com brilho. Está a A. T. I. consciente de que pode tomar sobre si tão espinhoso encargo? Pois bem,—se assim é,—resolva como melhor entender, na certeza de que os jornalistas de Lisboa ficam de atalaia, prontos a repelir, quando se torne mister, uma solidariedade que não lhes dê nenhum lustre,—por todos os meios ao seu alcauce.

Desculpe-me o espaço que lhe tomei, meu caro dr. Joaquim Manso, e creia-me sempre amigo certo.

*José Sarmento*

UMA IDEIA PEREGRINA

## *Sobre a viação aerea*

### *fala o sr. José dos Santos*

**A CAMARA MUNICIPAL APROVOU JÁ O ESTABELECIMENTO DA VIAÇÃO AEREA QUE ESTÁ SENDO ESTUDADA NA TERCEIRA REPARTIÇÃO -- DUAS PONTES SOBRE LISBOA**

### Gares aereas -- Motores e carruagens -- Um livro a aparecer: "A historia dos electricos?" -- Curiosos informes sobre os contratos Camara-Carris

Num estabelecimento da rua da Boa Vista, mobilado de charruas, tractores e outras alfaias agricolas, está situado das 9 ás 6 da tarde o sr. José dos Santos, vereador da Camara Municipal, homem formado nesta trapalhada que se chama *tout court*, o contracto Camara-Carris.

Hoje, certo colega do *Diario de Lisboa* informava os seus leitores de uma ideia de altura—a viação aerea.

Lobrigámos logo ali dedo do sr. José dos Santos, que anda ha já uma boa meia duzia de anos a pleitar com a Carris a concessão que ela se arroga do monopolio da viação em Lisboa.

Ideia magnifica? Sim, esplendida. Lisboa voando sobre ela propria, transformada em Icaro, para melhor observar o Terreiro do Paço, a cupula do Parlamento e o desarruamento do Rocio.

Hein!? O que dizem?

De vez em quando Lisboa acorda e ainda dentro dos lençois, agarra o periodico e luminosamente transporta-se a uma super New-York, de metrepolitanos, pontes aereas de colunas esgalgadas, aviões comerciais, transportando em minutos, daqui ao Porto, o correio, a encomenda postal e ela propria. Hein!

O que dizem? Esta ideia da viação aerea, julgavamos nós ainda, *malgré* as intenções do sr. Santos, uma *rêverie* ou magica de revista de ano.

O sr. José dos Santos diz que não. Ele lá sabe as linhas com que ha-de coser a sua negativa... Depois dêste prologo, mais largo que o habitual, nas entrevistas do *Diario de Lisboa*, vamos pôr o sr. José dos Santos a falar, dentro da sua loja, com o casaquinho de cotim, a sua pera pouco vistosa e o seu cigarrinho de capa de tabaco:

—A ideia é minha...

—Oh! sempre o julgámos.

—E compreende para o que é?

—Sim! Sim! E' uma ideia que se desbarreta, ironica, em frente de Santo Amaro, um pouco antes do Paço de Belem...

—Isso, homem! Você acertou!

—Não é de admirar... A logica...

—Linhas aereas. Uma, de Algés ao Poço do Bispo; outra, do Terreiro do Paço para o Almirante Reis.

José dos Santos sorriu-se, muito ironico.

—Uma partidinha ao Sindicato...

—E' nestes sitiôs que ha mais passageiros. A Camara ha-de provar á cidade e ao mundo... que a Carris não tem monopolio algum.

—Tambem ao mundo?

—E porque não?

Curvámos a cabeça, convencidos, num delicadeza de momento.

E o sr. José dos Santos abriu um parentesis, para nos contar alguns malabarismos *louches* de que a Companhia é uzeira e vezeira.

—A Camara deu á Carris a concessão da viação em Lisboa. Mas só por alguns quilometros, ouviu? Mais tarde, a Carris arrendou a concessão á *Lisbon*. Esta não viu bem o negocio e propôs-se a abrir novas linhas... Saltámos, isto é, a Camara saltou...

—E do salto?

—A *Lisbon* conseguiu abrir novas linhas, a da Graça e a da Estrela, por exemplo, mediante cem contos... Mais vinte e seis quilometros...

—Não ha então monopolio?...

—Qual monopolio? A Carris pretende tudo: as ruas de Lisboa, o ár da cidade...

—E, principalmente, o nosso dinheirinho...

—Exacto! Exactissimo!

E num ar alegre, ar que vem da viação aerea, a entrevista continúa. O sr. José dos Santos nesta altura já tinh a mandado o moço buscar as compras á mercearia. Falou-nos da America, onde tinha estado, e num livro seu, já no prelo que se intitula, ao que parece, a *Historia dos Electricos.*

—Se alguem soubesse quanto a Camara aceitou da Companhia para ela pôr os *rails?*

—Quanto?

—Não adivinha! Não adivinha!

Compreendemos: é o segredo da obra do sr. José dos Santos. O nosso dever era respeitá-lo. Assim o fizemos, apezar da nossa indiscrição profissional.

O sr. José dos Santos, lançado nos contractos Carris-Camara, tinha tomado um carro da viação aerea. Ninguem o detinha. As nossas preguntas, coitadinhas, voavam timidas da nossa boca e perdiam-se desamparadas na explicação seguida e ininterrupta do sr. José dos Santos.

—Imagine isto, isto, só isto. Ha um ano a Camara caiu numa imbecilidade...

—Imbecilidade!

—Não tem outro nome. Ia dizendo: caiu na imbecilidade de discutir todas as propostas de aumento das tarifas da Carris, mediante a concessão de passes aos assinantes por três anos. Agora não os dá e diz que o contrato está rôto... Ha dias, o sr. presidente do ministerio informou-me de que a Carris daria passes, se lhe consentissem aumentar as tarifas. Logo eu disse: Santo Amaro manda!

—Mas isso é esplendido!

—Pois é! A Camara, invocando o contratro rôto, não permitirá o aumento de tarifas.

Houve uma abertasinha na explicação, a todos os titulos curiosa, do sr. José dos Santos. Tomámos um carro de viação aerea. Este, por exemplo: Terreiro do Paço-Almirante Reis.

O sr. José dos Santos evocou:

—Linha aerea! Um motor, três carruagens; outro motor, mais três carruagens; ainda outro motor, ainda mais três carruagens. E tudo isto guiado só por um homem! A todo o vapor lançado por cima de Lisbôa. O que me diz?

—Curioso! Esplendido! Civilização moderna! Outras coisas mais. Só uma pregunta: isso para quando?

Aqui começou o sr. José dos Santos a hesitar um pouco:

—Compreende que o meu projecto está entregue á terceira repartição da Camara. Logo que ele esteja devidamente estudado...

—E aprovado?

—Já foi.

—... será estabelecida a viação aerea. Concorrem, decerto, companhias estrangeiras, porque a Camara deve fazer anuncios nos jornais estrangeiros. Não ha revisores. Os bilhetes serão picotados nas gares.

—Mas quando teremos nós a viação aerea?

—O publico já me conhece. A Camara ha de provar ao mundo e á cidade que a Carris não tem monopolio algum... Espero que ela impugne o projecto. Melhor ainda. Estabelecer-se-ha, logo de principio, o ponto de vista juridico... Não sou dos que quebram...

O sr. José dos Santos ficou com as suas ideias; o jornalista, mais modesto, saíu com o seu cigarro. Parámos. O fumo subia, subia, traçava a ponte aerea, precisava um passageiro á portinhola e o motor. Era só fumo. Seria o mesmo fumo em que se dissiparam a ponte sobre o Tejo e o metropolitano?

**O *Diario de Lisboa*, publicará na proxima quarta-feira, 30, um numero especial de 16 paginas, profusamente ilustrado e com colaboração escolhida.**

## *Os Teatros*

### *Atrás do reposteiro*

A peça a «Zazá» será representada, como já dissemos, no teatro Politeama, no Natal, devendo entrar em ensaios, conjuntamente a peça «Emigrantes». O papel de «Dufrenes» será desempenhado pelo actor Erico Braga.

—Lucilia Simões pensa em fazer ainda este ano «reprise» da peça «O Duelo» que actualmente se está representando em Paris.

—A actriz Angela Pinto foi convidada para desempenhar no «film» «Primo Basilio», o papel de «Juliana».

—O nosso colega «A Manhã» dizia ontem que o actor Eduardo Freitas ia fazer parte da companhia de S. Carlos. Como a noticia carecesse de fundamento o actor-empresario Robles Monteiro enviou áquele jornal o seguinte desmentido:

O actor Eduardo Freitas não fez a menor diligencia para ingressar nesta companhia, nem nos era possivel trocar com ele impressões — muito menos discutir preços — para esse fim, porque temos o nosso elenco absolutamente preenchido.

—Acabam de fundar uma sociedade, a fim de explorar a montagem das peças nos nossos teatros, compreendendo scenarios, maquinismos e adereços, por aluguer diario desses materiais, os scenografos Eduardo Reis (filho) e Reinaldo Martins, o maquinista Henrique Martins e o aderecista Florentino Martins.

—O guarda roupa do «film» «Amor de perdição» é da Empresa Materiais de Teatro.

—*O Seculo da noite* dizia ontem:

«E' inexacto que Rafael Marques pense em organizar companhia para ir ao Brasil.»

Pedem-nos para declararmos que não só é verdade que aquele distinto actor pensa em organizar uma companhia para ir ao Brasil como até já ha dias anda tratando da sua organização.

—Chaby Pinheiro e a sua companhia devem chegar a Lisboa ámanhã ou depois. Consta que, logo após a sua chegada, vai fazer dois meses ao Porto, regressando a seguir a Lisboa, onde reaparecerá, para voltar depois ao Brasil para uma temporada de 12 meses.

—Companhias que irão ao Brasil na proxima epoca: Apolo e Luís Ruas, por conta do empresario Rangel Amarante, Lucilia Simões e Rafael Marques, por conta de José Loureiro.

—Diz o *Correio da manhã* que o actor Armando Cruz foi dos raros — talvez o unico — da companhia do Ginasio que tinha as suas coisas no seguro.

Após o incendio, recebeu a indemnisação e foi comprar meio bilhete da lotaria . . . Dele deu um vigesimo ao seu colega Pratas e outro ao ponto do teatro.

Anda a roda e feitas as contas fica Armando Cruz com 16.000$00 e cada um dos seus dois companheiros de trabalho com 2.000$000. Isto é, positivamente, ter sorte . . . na infelicidade.

—Armando Ferreira, o critico teatral de *Capital*, deixou de fazer parte da redacção daquele jornal.

—Foi aceito pela empreza Robles-Colaço um original português em verso, intitulado *Judith*. A sua protagonista é a figura biblica, o seu autor o sr. Vieira de Almeida.

—O actor-comico Alvaro de Almeida está em negociações para ir ao Brasil com o emprezario Augusto Gomes, do Apolo.

—O sr. presidente da Republica assistiu ontem ao espetaculo no teatro Nacional.

—Nos meados do proximo mês e num dos principais teatros de Lisboa, para reaparição do ilustre actor José Alves da Cunha, realizar-se-ha uma recita de homenagem, com a unica representação dum original português.

—Boto de Carvalho está concluindo uma peça em três actos que destina a um dos nossos teatros de declamação.

—No teatro Politeama, em festa de Macedo e Brito será brevemente representada a peça em verso de Orsini Miranda, *Bernardim Ribeiro*.

#### RECLAMES

**S. Carlos**—Neste teatro repete-se ámanhã, domingo, a peça «O Regresso», hoje interrom ida para dar logar ao concerto de musica de camara.

**Nacional**—Ainda hoje se repete a interessante peça historica «D. Afonso VI», sendo ámanhã o unico domingo em que vai á scena.

**Chiado Terrasse**—Representa-se hoje, em recita unica, a encantadora peça em tres actos, de Dario Nicodemi, «A migalha».

**Eden**—No quadro de comedia da revista «Pau de dois bicos» ha um numero que todas as noites é bisado com delirio.

**Salão Foz**—Quem se dispuzer a ir ver a revista «Bichinha gata...» pode contar antecipadamente com uma noite de permanente alegria.

**Coliseu dos Recreios**—Hoje repetem os notaveis artistas os seus melhores trabalhos. A'manhã, «matinée», em que teem entrada gratuita as crianças até dez anos.

## A saude em Lisboa e no Porto

### 9 CASOS DE DIFTERIA

Na semana finda em 19 do corrente manifestaram-se em Lisboa 6 casos de difteria, 9 de febre tifoide e 5 de variola, e no Porto, 3 de difteria e 2 de febre tifoide.

## NACIONAL
Telefone C. 2049

**Ultimas representações**

Hoje—A notabilissima peça historica

# D. AFONSO VI

**Na proxima semana**—2.ª recita de assinatura e «première» da peça de Frondaie, **CASA CERCADA,** tradução de JOSÉ SARMENTO.

## TEATRO DE S. CARLOS
Tel. C. 5063

**Domingo-27-Domingo**

3.ª representação da peça

# O REGRESSO

Brilhante desempenho de **Angelo Pinto, Amelia Rey Cólaço, Robles Monteiro, Henr. Albuquerque e Ant. Pinheiro**

**3.ª feira, 29—4.ª representação**

—**Bilhetes á venda**—

Na proxima 2.ª feira é interrompido «O REGRESSO» para dar logar aos concertos de musica de camara.

## POLITEAMA
Telef. C. 1028 **Ás 21,15**

O grande sucesso da presente temporada

# Uma mulher sem importancia

Admiravel desempenho de toda a companhia

LUCILIA SIMÕES

Soberba criação desta artista no principal papel feminino

**Orquestra Sinfonica de Lisboa**

**Domingo, 27—3.º concerto de assinatura, sob a regencia do**

MAESTRO FERNANDES FÃO

## TEATRO CHIADO TERRASSE
*Companhia Luz Veloso*

HOJE

**A PEDIDO**

**o grandioso exito**

# A MIGALHA

Admiravel trabalho de **LUZ VELOSO**

Na proxima semana

A SACRIFICADA

# THE MAGESTIC
RUA DO ARCO DO CEGO, 15-A e 15-B

LISBOA

TELEFONE N-229 TELEGRAMAS ALGODÃO

***Ampla garage para recolha de carros. Venda de gasolina, oleos e acessorios.***

**Oficinas providas das melhores maquinas. Pessoal tecnico competentissimo em todo o genero de reparações.**

FABRICAÇÃO ESMERADA DE CARROSSERIES

**Fornecem-se orçamentos gratis**

# *Chegwin, Moura & C.ª L.da*
**CASA BANCARIA**

103 RUA AUREA 105

**Correspondentes em todo o paiz e estrangeiro. Saques, ordens de bolsa transferencia e todas as operações de banco em geral**

Telegramas «TOM» Telefone C. 3033

103 RUA AUREA 105

# *Fonsecas, Santos & Vianna*
# BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861

## Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

## ELECTRICIDADE PORTATIL
**Luzes de bolso!!!**

**Lampadas de algibeira, bastões, tarchés, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.**

**EFEITO SURPREENDENTE!**

**Descontos aos revendedores**

**Remete-se para a provincia**

**CASA TRIUNFO**

**R. Augusta, 72, 74**

**LISBOA**

# Neves & Cruz
Importadores e Exportadores directos

SÉDE

**RUA IVENS, 53**

## Conservas e vinhos
Sede provisoria da Filial em ANVERS

**51 Rempart Ste. Catherine**

Agentes no:

*Congo Belga,*

*Loanda*

*e Benguela*

**(PRODUTOS AFRICANISTAS)**

# GAZOLINA "*Shell*" PETROLEO
**QUALIDADE SUPERIOR**

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

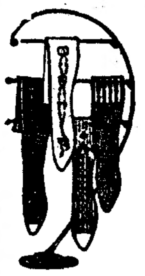
PEDIDOS Á

## THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.TD
LISBOA — Rua do Crucifixo, 49

PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

## *Não comprem*
**Candieiros e plaffonniers, ferros de engomar electricos, estatuetas e outros artigos de electricidade, sem confrontarem os preços porque vende o Bico Nacional Aureo—Rua 1.º de Dezembro, 33 a 37—Tetef. 1047 C.**

## ELECTRIDADE—MAQUINAS
Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis **A Electro-Quimica Lt.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.**



# LOJA DAS MEIAS
ROCIO—1

**Recebeu de Paris:**

**Vestidos, Casacos, Blusas, Malha, Echarpes**

**Meias de seda preto e côres a 7:500**

# S. I. C.
**Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops**

Pedir sempre os chocolates

# S. I. C.

AINDA ECOS DA GUERRA

## OS ANTIGOS COMBATENTES ITALIANOS SÃO MALTRATADOS JUNTO DO PARLAMENTO

### FICANDO DOZE FERIDOS

### A Guarda Real dispersou-os em virtude dos seus discursos

ROMA, 26

**Ao lado do parlamento italiano deram-se scenas de desordem motivadas por antigos combatentes que se apresentaram em grande numero e pretendiam chamar a atenção dos deputados para as necessidades de que sofriam. Como porém, provocassem tumultos, pela maneira como falavam e procediam, houve necessidade de os dispersar. A guarda real carregou sobre eles, ficando 12 feridos.—(R.)**

### Morte de um governador

ROMA, 26

O senador sr. de Damartino, governador italiano de Cirenaica, faleceu em Nengadi.—(R.)

## A colheita do arroz no Japão

TOKIO, 26.

Julga-se a colheita do arroz para o proximo ano inferior ás necessidades do consumo domestico em quatro ou cinco milhões de «koku».—(U. P.).

## EM NEW-ORLEANS

### 12 mil operarios em greve

*NEW-ORLEANS, 26.*

*Este porto encontra-se completamente paralizado por uma greve de doze mil trabalhadores do porto.—(U. P.).*

Os espectáculos mais variados, e mais baratos são os do

COLISEU DOS RECREIOS

EM ARMAZEM

Desnatadeiras e batedeiras
Correias de couro e de balata
Atilhos, rebites e ligadores
Lubrificadores e almotolias
Vidros de nivel e anilhas de borracha
Aparelhos diferenciais
Empanques, amiantos e desperdicios
Etc., etc., etc.

JOHN M. SUMNER & C.°
SUCESSOR
JOSÈ J. TEIXEIRA
29 --- Avenida da Liberdade --- 37
LISBOA

A CRISE ECONOMICA ALEMÃ

## A' falencia financeira seguir-se-ha a falencia economica e industrial?

### Afirma-se que a baixa do cambio foi provocada pelo proprio governo alemão

### A actividade industrial derivada da especulação parará com a bancarrota?

A maior parte da opinião francesa e inglesa atribue a baixa do marco a uma especulação intencionada do governo alemão, a fim de se furtar ao pagamento das indenisações de guerra, e consideram a falencia alemã como falsa. Pois, dizem eles, quando se der a bancarrota financeira, a Alemanha guardará intactas as suas fabricas e a sua potencialidade de produção.

Se ha algo de verdade neste modo de encarar a crise alemã, ha tambem muito de falso. Com efeito a baixa extraordinaria do marco foi provocada pelo governo, mas indirectamente. A Alemanha viu-se obrigada a comprar no mercado mil milhões de cambiais em ouro, para pagar a primeira prestação aos aliados. Outras compras se lhe seguiram, e outras terão de seguir-se para o mesmo fim.

Além da compra do ouro para pagar aos aliados. toda a politica alemã tem sido a de obter creditos estrangeiros para comprar alimentos e materias primas.

A compra destas grandes quantidades de cambiais estrangeiras tem excitado os especuladores de marcos que os proporcionavam no mercado internacional, e a exportação de produtos nacionais, que criaram por sua vez creditos no estrangeiro.

O procedimento seguido pelo governo para favorecer esta e obter as cambiais de que necessitava, foi o de oferecer os marcos com uma baixa grande para atrair os compradores e manter uma diferença entre o preço do marco na Alemanha e no estrangeiro que desse um largo premio de exportação.

A Alemanha tentou parar neste caminho que a conduzia á baixa extraordinaria do marco e á derrocada financeira, procurando valorizar o marco. Deu-se imediatamente a paralização industrial e para a remediar viu-se na necessidade de continuar procedendo como anteriormente.

Daqui se vê que a actividade industrial, tão grande como raras vezes foi na Alemanha, não é uma actividade natural, mas uma actividade febril, iniciada na origem. Para contrabalançar eficazmente a especulação financeira derivada da quantidade enorme de cambiais que o governo é obrigado a adquirir, criando no estrangeiro uma quantidade de creditos iguais á quantidade de debitos, seria necessario que a exportação se tornasse seis ou oito vezes maior. Por consequencia, a sua acção como protecção contra a bancarrota é pouco menos de nula, como aliás o tem vindo provando.

Derivada, porém, da especulação economica, para se manter, é necessario que esta tambem se mantenha. A' falencia financeira seguir-se-há a falencia economica e industrial.

Se providencias de ordem internacional não forem tomadas, a Alemanha terá de continuar a mesma orientação que a levará á bancarrota. Os aliados temem que o marco atinja a depreciação da corôa austriaca. E' possivel que se chegue lá.

Os proprios alemães começam a recusar os marcos. Há uma actividade comercial doida em toda a Alemanha. Não há desempregados; os bancos tiveram de reduzir as horas de trabalho porque o pessoal, exausto pela afluencia de trocos, não aguentava o tempo normal de serviço. O povo compra tudo por todo o preço, o que agrava ainda mais a carestia dos generos. Roupas, comestiveis, objectos de todas as especies, nada ficu no mercado. Todos procuram adquirir os titulos de rendas variaveis, cujos juros sobem á medida que se desvalorisa a moeda. Os que possuem grande quantidade de dinheiro procuram desfazer-se dele adquirindo propriedades imobiliarias. Os industriais trabalham loucamente por transformarem as materias primas que possuem antes que a alta dos salarios eleve o custo de produção.

Os Bancos abandonam o capital efectivo e convertem em renda fixa o que têm em carteira. Os homens de negocio trocam a moeda nacional por moeda estrangeira e colocam-na estrangeiro.

Por outro lado estrangeiros possuidores de fundos alemães querem desfazer-se a todo o transe dos marcos que possuem. E assim os oitenta milhões de marcos que se calcula estarem em mãos de estrangeiros vão ainda aumentar a oferta, contribuindo para a bancarrota.

Uns vendem-nos nos mercados estrangeiros, outros trocam-nos por mercadorias; alguns ainda vão mesmo á Alemanha, realizar as transacções. Uma avalanche de suissos foi ao Rheno, no intuito de comprar toda a colheita vinicola.

A observação dos factos é suficiente para provar que esta actividade é doentia. Depois da falencia financeira a Alemanha guardará as fabricas, mas sem creditos não poderá obter as materias primas necessarias á industria e a falencia desta seguirá áquela.

LABORATORIO DE FARMACIA
— DO —
INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

RHEUMA
(XAROPE PEITORAL)

DE RESULTADOS INFALIVEIS NO TRATAMENTO DE:
AFECÇÕES DOS ORGÃOS RESPIRATORIOS. CONSTIPAÇÕES, BRONQUITES, TOSSES, GRIPES, ETC.

FARMACIAS: R. NOVA DO ALMADA, 88—LISBOA
R. DOS CLERIGOS, 36—PORTO

A ESPANHA NO RIFF

## DEVIDO AOS TEMPORAIS OS SOLDADOS ESPANHOIS ESTÃO PASSANDO PRIVAÇÕES

### A ACÇÃO DOS AVIADORES

### O Rio Keat sai do seu leito
### Morte de 26 mouros afogados

MELILLA, 26

**Voltaram os temporais e as chuvas tornando os caminhos intransitaveis, o que dificulta extraordinariamente a remessa de viveres e munições. Por este motivo os soldados das posições avançadas têm de sofrer bastantes privações.**

**O rio Kort saiu do seu leito inundando os campos vizinhos. Em frente do Ichefon pereceram afogados vinte e seis mouros e muitos cavalos que transportavam mouros, os quais fugiram aos ataques das nossas tropas.**

**Por informações obtidas das familias mouras que se encontram na margem esquerda sabe-se que os aeroplanos causaram grandes estragos no campo dos mouros.**

### Chegam a Cadiz 300 feridos e doentes

CADIZ, 26

O vapor «Alicante» chegou a Cadiz, trazendo a bordo 300 soldados feridos ou doentes, que foram recebidos pelas autoridades e numerosa multidão e a seguir foram transportados, em automoveis e trens, para os hospitais da cidade.—(U. P.)

### General Navarro

MELILLA, 26

O general Navarro encontra-se gravemente doente, por motivo de uma excitação nervosa que lhe ficou do cêrco do monte Arruit. —(U. P.)

AVENIDA
HOJE
UMA VIAGEM Á CHINA

Eden Teatro
Empresa Henrique Barreiros, Lt.ª
Companhia Nascimento Fernandes
2 SESSÕES
PAU DE DOIS BICOS
A melhor de todas as revistas
Preços populares

# 5 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 5 HORAS DA TARDE

## As finanças

DIA 26

| | Comprador | Vendedor |
|---|---|---|
| Libra esterlina | 59$500 | 61$000 |
| s/Londres, cheque | 4 13/16 | 4 11/16 |
| » 90 d. v | 4 15/16 | — |
| Rio s/Londres | 7 1/16 | — |
| s/Paris | $871 | $894 |
| s/Itália | $501 | $514 |
| s/Bélgica | $823 | $845 |
| s/Suiça | 2$377 | 2$440 |
| s/Espanha | 1$736 | 1$782 |
| s/Berlim | $042 | $048 |
| s/Holanda | 4$468 | 4$587 |
| s/Nova-York | 12$475 | 12$808 |
| Rio Brasil | $062 | $060 |
| T. Desc. Banco de Inglaterra | 5 | — |
| » » » Portugal | 7 | — |
| Ágio do ouro | 10$50 | 1$100 |

## COTAÇÕES ESTRANGEIRAS

| | |
|---|---|
| Madrid s/Paris | 50,35 |
| » s/Londres | 28,72 |
| » s/Nova-York | 7,20 |
| » s/Berlim | 2,50 |
| Paris s/Londres | 57,145 |
| » s/Madrid | 198,25 |
| » s/Genebra | 272,50 |
| » s/Berlim | 4,93 |
| Londres s/Paris | 57,15 |
| » s/Roma | 97,75 |
| » s/Nova-York | 4,00 |
| » s/Berlim | 11,70 |
| » s/Amsterdam | 11,16 |
| » s/Genebra | 20,98 |
| » s/Bruxelas | — |
| » s/Austria | — |
| » s/Suécia | — |
| » s/Noruega | — |

## NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 25

Cotação do café, 18$700; Cambio s/Londres, 7 13/16 e 7 7/8; valor do escudo português, 640 e 680 réis.—(A.)

## ALEM-MAR

### Vencimentos dos oficiais do exercito que prestam serviço em Cabo Verde

Foram aprovadas as seguintes subvenções para o pessoal militar de Cabo Verde: oficiais do exercito e da armada, 200 escudos mensais; sargentos do exercito e da armada, 100 escudos, e cabos de mar, 50 escudos.

**COLISEU DOS RECREIOS**

Brevemente: The Lions

## Uma visita de estudo

Os alunos do 4.º ano do Curso Comercial visitaram ontem e hoje, em turmas diferentes, a Fabrica de Ceramica, sita na rua Tomás da Anunciação. Foi a primeira visita de estudo feita pelos alunos deste conhecido estabelecimento de ensino, no presente ano lectivo. Acompanhavam os estudantes o professor engenheiro sr. Vila Nova e o secretario da escola.

## O julgamento do "Marujo"

### Um telegrama do governador civil de Beja

O sr. presidente do ministerio recebeu, hoje, o seguinte telegrama, do governador civil de Beja, sr. João Pedro de Matos:

«BEJA, 25.—Informo v. ex.ª que se realizou hoje o julgamento de Antonio Conceição, o «Marujo», elemento considerado perigoso para a sociedade, sendo condenado a pena maior. Constava que elementos suspeitos projectavam alterar a ordem, em caso de condemnação do «Marujo», não tendo, comtudo, havido a menor tentativa, naturalmente devido ás providencias tomadas. Parece-me que neste distrito a ordem está solidamente assegurada. —(a) O governador civil, *Matos*.

*A TARDE DE HOJE*

## MAR DE PEQUENA VAGA — E — VENTO MUITO FRACO...

### Eis o que acusa o nosso boletim politico

A tarde de hoje foi pouco fertil em novidades politicas e em boatos aterrorisadores. Tanto na Arcada como nos cafés, os *dilettanti* da politica, á falta de acontecimento de vulto que dessem margem a comentarios, limitaram-se a discretear sobre a chuva miudinha que enervou meia Lisboa e impediu o nosso mundanismo de fazer, no Chiado, o habitual quarto de hora de elegancias... O *reporter* falou com toda a gente, interrogou desde o moço de esquina ao politico graduado, mas nada conseguiu. As eleições, a vida do governo, os hipoteticos manejos conspiratorios de que tanto se fala, não preocuparam em demasia os palradores dos *mentideros*. O boletim politico de hoje, semelhando um boletim meteerologico, só uma cousa pode registar:—*Mar de pequena vaga e vento fraco*».

A ameaça de temporal desfeito continua a afastar-se, embora com uma lentidão desesperadora e a nesgasita azul que se divisa nesta atmosfera de chumbo que pesa sôbre os nossos hombros, tambem não se resolve a crescer... Conclusão:—nevoeiro, muito nevoeiro nos dominios da politica. Um nevoeiro igual áquele que, nesta quadra do ano, costuma alastrar, barra fora, pondo dificuldades á marcha dos bons paquetes e levando á perdição os barcos de poucas toneladas e muitas avarias...

A propósito de uma informação que ontem publicamos, acêrca de uma conferência entre sr. dr. Álvaro de Castro, ilustre «leader» reconstituinte, e o sr. dr. Ramada Curto, categorizado membro do P. S. P., escrevenos o primeiro dêstes homens públicos, para afirmar que ela «nada tem de verdadeira». Efectivamente essa conferência não se chegou a realizar, pela simples razão do sr. dr. Ramada Curto não estar presente.

No entanto para não perder completamente os seus passos, o sr. dr. Alvaro de Castro teve uma conversa que reputa particular, mas em que temos o direito de vêr o reflexo do criterio dos partidos constitucionais, com o sr. dr. Borges de Castro, companheiro do «leader» socialista no seu escritorio forense da rua Nova do Almada, e socialista tambem.

Alem disso, sabemos que o sr. dr. Alvaro de Castro manifestou, nessa ocasião, um vivo desejo de conversar largamente com o sr. dr. Ramada Curto, conversa essa que por estes dias se deve realizar. Emfim, tudo isto vem confirmar o velho ditado de que *não ha fumo sem fogo* e que á informação do *Diario de Lisboa* não faltava fundamento.

## SOCIEDADE DE CONCERTOS

### O concêrto de ámanhã

Iniciam-se hoje, no teatro de S. Carlos, o primeiro concerto da 5.ª série desta Sociedade, em que se apresenta o pianista Alexandre Brailowsky.

O programa que executará no seu primeiro concêrto é o seguinte: Sonata em fá menor, op. 57, de Beethoven; Carnaval, op. 9, de Schumann; Berceuse, preludio, n.º 24, e dois estudos de Chopin: «Rêve d'amour» e «Campanela», de Liszt. O segundo e ultimo concerto por êste artista realiza-se na segunda-feira, 28, com obras de Schumann, Chopin, Rimsky-Korsakow, Moussorgsky, Balakirew e Liszt.

Faz amanhã cinco anos que o grande pianista Viana da Mota fundou esta Sociedade.

*NO GOVERNO CIVIL*

## AS INVESTIGAÇÕES SOBRE — OS — CRIMES DO ARSENAL

### Deve ser hoje ouvido o sr. Benjamim Pereira

O sr. dr. Barbosa Viana, director da P. S. E., que se encontra dirigindo os trabalhos de investigação referente aos atentados da noite de 19 de Outubro no Arsenal de Marinha, continuou hoje nas suas diligencias, tendo estado até de madrugada no seu gabinete, revendo varias partes do processo que já se encontra elaborado. Foi auxiliado pelo seu adjunto sr. Virgilio Pinhão.

A acareação que ontem se realizou na policia, entre a viuva e irmão do sr. José Carlos da Maia e o *Dente de ouro*, deram excelentes resultados para o bom exito das diligencias que se vão proceder.

Hoje durante a tarde e a noite devem ser ouvidos na P. S. E. o guarda-marinha sr. Benjamim Pereira, capitão-tenente sr. Luís Ramos, ministro da Marinha no gabinete presidido pelo coronel sr. Manuel Maria Coelho; sargento Heitor e o «chauffeur» da camionete fantasma.

Até á hora a que escrevemos apenas foi interrogado o «chauffeur» da camionete, que veiu do presidio da Trafaria, onde se encontra preso, acompanhado de três praças da G. N. R.

Esta noite devem tambem ser ouvidos os srs. Saphera da Costa e José Nunes, «reporters» da *Imprensa da Manhã*, que na noite dos atentados seguiram a camionete que conduzia os assassinos dos srs. dr. Antonio Granjo, Machado Santos e José Carlos da Maia.

## DO BRASIL

### Carlos Malheiros Dias vem a caminho de Lisboo

RIO DE JANEIRO, 25

Partiu hoje para Lisboa, no paquete holandez «Limburgia», o brilhante escritor sr. Carlos Malheiro Dias, sendo-lhe feita uma afectuosa despedida, a que concorreram os mais cotados elementos da colonia portuguesa e representantes do mundo oficial brasileiro.—(A.)

### O desfalque dos T. M. E.

**RIO DE JANEIRO, 25**

**A policia desta capital prendeu o individuo que em França desfalcou em 800.000 francos os Transportes Maritimos do Estado, de Portugal.(A)**

## UM PROTESTO

### duma firma carvoeira de Cabo Verde

A firma Meillers & Corys, com depositos de carvão em Cabo Verde, protestou contra o lançamento da contribuição industrial para si e seus empregados, respectivamente de 451.352$00 e 80.125$00.

## Os Sports

### Belenenses e Casa Pia

**O incidente de domingo passado**

Consta-nos que o conselho tecnico da Associação de Foot-Ball de Lisboa, na sua reunião de quarta-feira, decidiu enviar á direcção da mesma associação o seu «desideratum» sobre a suspensão do desafio Belenenses-Casa Pia. O conselho tecnico, baseado numa praxe da Federação Ingleza de Foot-Ball, vai fazer jogar o tempo que faltava para terminar o desafio. Os «teams» jogarão nas mesmas condições que estavam quando o desafio foi suspenso.

Esta resolução do conselho tecnico foi muito justa, devendo ela ser sancionada pela direcção.

### Desafio inter-cidades

Realiza-se no proximo dia 1, ás 15 horas, no Campo Grande, um desafio entre os «teams» representativos das associações de foot-ball de Lisboa e Porto. Arbitrá o juri o sr. John Armour.

## A catastrofe ferroviaria

### Um protesto da Sociedade Propaganda de Portugal

A comissão executiva da Sociedade Propaganda de Portugal oficiou ao sr. ministro do comercio comunicando que resolveu lançar na acta da sua ultima sessão um energico protesto de repulsa contra o acto de verdadeira selvageria praticado na linha ferrea do sul (descarrilamento de Aljustrel).

**COLISEU dos RECREIOS** Telef. C. 4196

HOJE — Magnifico espectáculo da GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

ÁMANHÃ — Grandiosa matinée

em que terão entrada gratuita todas as crianças, até 10 anos, que venham acompanhadas

BILHETES Á VENDA

Brevemente: Sensacional estreia

THE LIONS

## "Stranger's Casino"

Decorrem sempre animadissimos os «dancing-tea» que ás quartas-feiras e domingos se realizam no Stranger's Casino do Monte Estoril. Os bailes das terças, quintas e sabados teem sido de tal modo concorridos que a empresa se viu obrigada a fazer obras para reunir duas salas numa só. A partir de ámanhã começará a exibir-se no cinema do elegante casino o «film» de grande metragem «O perigo oculto», interpretado pelos artistas Jorge Larkin e Anne Luther. Do programa fazem tambem parte os «films» «Caixa de bonbons», «A' beira do abismo» e «A vitima do aviador».

## NO CINEMA CONDES

## "Amor de Perdição"

### fita extraida do celebre romance de Camilo

Assistimos ontem á exibição particular do «Amor de Perdição», fita extraida do celebre romance de Camilo.

Não exageraremos dizendo que a grande tragedia Camiliana passa nela com a maior intensidade.

Não entendemos necessario especificar o papel de cada um dos interpretes. Apresentaram-nos figuras portuguesas, tais como nos aparecem nos romances de Camilo. De resto, quer recordemos as figuras, quer a paisagem, a arquitectura ou o interior das casas, em tudo ressalta o caracter nitidamente português das obras de Camilo.

As legendas, copiadas textualmente do romance do Mestre, aumentam o interesse que o romance não perdeu em fita.

E' uma obra á qual a intensidade de sensações e a perfeição de interpretação, asseguram um exito pelo menos tão grande como o das outras fitas de romances portugueses.

**TEATRO SALÃO FOZ**

Empresa Artur Emauz

Companhia OTELO DE CARVALHO

de que fazem parte Antonio Gomes (da Trindade), Laura Costa e Julia d'Assunção

**A revista triunfante**

**Sempre em duas sessões**

A incomparavel

**BICHINHA GATA...**

que é a mais atraente das peças da atualidade

**STRANGERS' CASINO**

MONTE ESTORIL
Avenida Saboya
(Antiga Vila São José)

**Grandes Espectaculos Animatográficos**

BAILE TODAS AS NOITES
QUINTETO ÁS 3.as, 5.as E SABADOS
TERCETO ÁS 2.as, 4.as, 6.as E DOMINGOS
DANCING-TEA ás 4.as e domingos

Honram com a sua exibição os bailes : : das terças, quintas e sábados : : os "Primorosos Professores da Dança"

Mrs. and mr. Morton de Rennes

Brevemente novos atractivos

**Teatro S. Carlos**

Sociedade do Teatro de S. Carlos, L.da

TEL. C. 5063

3.ª Epoca 1921-1922

Termina hoje o praso de pagamento dos lugares requisitados pelos Srs. Societarios, bem como o praso de preferencia para os antigos assinantes. Em seguida será aberta para o publico a assinatura dos lugares disponiveis, para o que será publicada a lista de preços.